

# Vozes do exílio: resistência e identidade em *Sabor de Maboque*, de Dulce Braga

Junia Paula Saraiva Silva\*

## Resumo

A obra *Sabor de Maboque*, de Dulce Braga, é um romance autobiográfico que resgata as memórias de infância e juventude da autora em Angola, interrompidas de forma abrupta pela eclosão da Guerra Civil nos anos 1970. O fruto maboque, com seu sabor agridoce, emerge como signo central, capaz de acionar lembranças adormecidas e desencadear o trabalho da memória. A partir da experiência sensorial de ver e sentir o fruto, Braga reconstitui um passado marcado por afetos, perdas e deslocamentos, revelando o entrelaçamento entre lembrança individual e contexto histórico. O texto articula imagens, narrativas e emoções em um exercício de memória que ultrapassa o registro pessoal para dialogar com a experiência coletiva da diáspora e da ruptura identitária. Assim, a obra não apenas preserva recordações, mas também reflete sobre o poder da escrita como forma de organizar a desordem da memória e elaborar a dor da perda.

**Palavras-chave:** memória autobiográfica; literatura angolana; guerra civil; identidade; exílio.

---

\* Doutora em Literatura e Professora de Psicologia da UNIFENAS. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1051-1210>.

# Voices of Exile: Resistance and Identity in *Sabor de Maboque* by Dulce Braga

## Abstract

*Sabor de Maboque*, by Dulce Braga, is an autobiographical novel that retrieves the author's childhood and youth memories in Angola, abruptly interrupted by the outbreak of the Civil War in the 1970s. The *maboque* fruit (monkey orange), with its bittersweet taste, emerges as a central sign, capable of triggering dormant recollections and activating the work of memory. Through the sensory experience of seeing and tasting the fruit, Braga reconstructs a past marked by affections, losses, and displacements, revealing the intertwining of individual remembrance and historical context. The narrative articulates images, emotions, and textual records in a process of remembrance that transcends the personal dimension, engaging with the collective experience of diaspora and identity rupture. Thus, the work not only preserves memories but also reflects on the power of writing as a way of organizing the disorder of memory and elaborating the pain of loss.

Keywords: autobiographical memory; Angolan literature; civil war; identity; exile.

## Introdução

A escritora Dulce Braga alcançou notoriedade nacional com o lançamento de seu romance autobiográfico *Sabor de Maboque*, publicado pela primeira vez em 2009, no qual revisita as memórias de sua infância e juventude em Angola, sua terra natal, até o momento da fuga forçada de sua família para o Brasil. Nascida em 1958, Braga atravessou os anos mais intensos da Guerra Civil angolana, entre 1974 e 1975, quando seus sonhos – a conclusão do colegial, as amizades, o primeiro amor –, ainda em germinação, foram brutalmente interrompidos pela violência que assolava o país.

À época, Angola permanecia sob o domínio colonial português. A família da autora desfrutava de relativa estabilidade: bons colégios, férias na metrópole europeia, acesso a bens e lazer que não estavam ao alcance da maioria da população angolana. No entanto, essa aparente segurança foi corroída pela escalada dos conflitos entre MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) e UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola). Assim, o que se anunciaava como um período de descobertas e amadurecimento transformou-se em um tempo de perdas, medo e deslocamento.

A experiência da fuga é narrada por Braga como uma espera interminável. O aeroporto, símbolo de passagem, converteu-se em espaço de agonia coletiva: “Assim que um avião decolava, um grupo de pessoas ansiosas ficava de prontidão no aeroporto à espera do próximo” (Braga, 2019, p. 194). Entre a esperança e a desesperança, a notícia de que poderiam embarcar rumo ao Brasil devolveu à família um fio de alento, ainda que permeado por dificuldades e imprevistos. Finalmente, em 26 de setembro de 1975, no voo RG651, Dulce Braga e seus familiares chegam ao Brasil, trazendo consigo a certeza de que Angola havia se tornado, de forma irreversível, um país de lembrança e saudade.

O relato da autora é atravessado por esse luto da pátria perdida. O distanciamento crescente do país natal é expresso em sua escrita com pungente clareza: “Naquele 11 de setembro de 1975 tive pela primeira vez a sensação triste, doída e concreta que estava definitivamente muito longe de Angola” (Braga, 2019, p. 212). Mais do que bens materiais, o exílio

significou deixar para trás fragmentos da infância e vínculos afetivos que se dissolveram no caminho do desenraizamento. Suas bonecas e ursos de pelúcia, abandonados no quarto trancado, são descritos como testemunhas silenciosas de uma despedida que carrega tanto inocência quanto desespero: “Eles iam ficar, mas eu lhes havia prometido que trancaria a porta para que ninguém entrasse enquanto eu não voltasse” (Braga, 2019, p. 138).

Ainda assim, o gesto de lançar nas águas a chave do quarto expressa a tentativa simbólica de preservar o lar na memória, como se a escrita pudesse, mais tarde, reconstituir o espaço interditado pela guerra: “– O que é isso? O que jogaste no rio, Dulce? Exclamou minha mãe. – A chave do meu quarto, mamã” (Braga, 2019, p. 140). É nesse movimento, entre perda e esperança, que *Sabor de Maboque* se estrutura, constituindo-se como um romance de memórias, no qual a autora organiza suas recordações em um exercício de resistência ao esquecimento.

Em sua participação no Festival de Migrações, em 2019, Braga definiu sua obra como “uma história doce com muitos momentos azedos” (Braga, 2019, p. 26). A doçura reside no amor à pátria, à família, aos amigos e ao primeiro amor; a acidez, nas marcas da guerra, da separação e da dor refletida no olhar do pai ao perder tudo o que havia conquistado (Braga, 2019). Nesse entrelaçamento de afetos e dores, a narrativa convoca o leitor a partilhar da experiência da diáspora, em que a memória se torna território de pertença.

O elemento central que mobiliza esse retorno ao passado é o fruto maboque, típico da África Subsaariana. Ao ser presenteada pelo filho com a fruta, a autora revive lembranças adormecidas que emergem em simultaneidade com o saboragridoce: ternura e sofrimento, presença e ausência, raiz e deslocamento. Nesse sentido, o maboque converte-se em signo da memória, evocando o passado pela força do ver, do sentir e do lembrar.

Esse movimento remete ao conceito de “memória involuntária”, descrito por Marcel Proust em *Em busca do tempo perdido* (2006), quando o sabor das madeleines mergulhadas no chá desencadeia um mergulho profundo nas recordações da infância. A escrita de Braga dialoga com essa tradição literária ao revelar que o contato sensorial pode acessar camadas ocultas da memória. Além de Proust, outros escritores exploraram essa faceta da lembrança, revelando sua natureza elusiva e poderosa. Gabriel García Márquez, em *Cem anos de solidão*, publicado pela primeira vez em

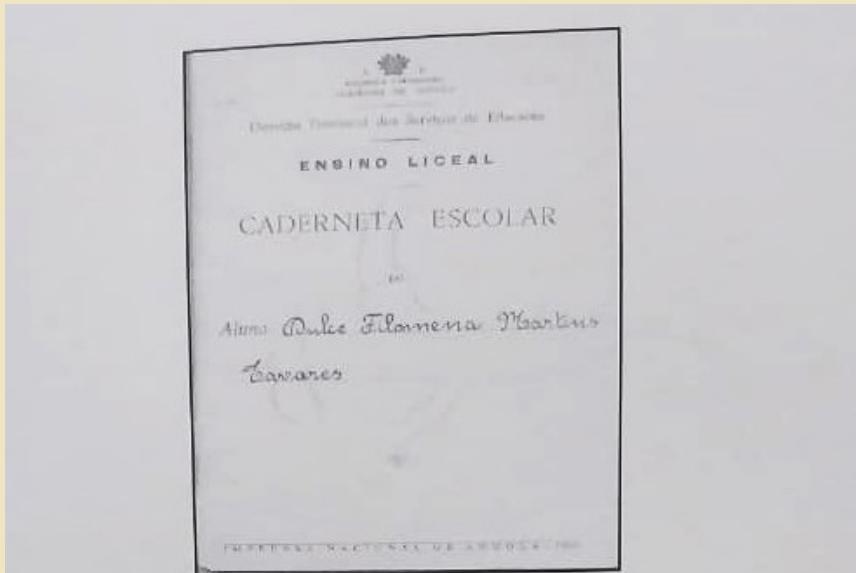
1967, e Virginia Woolf, em *Mrs. Dalloway* (2013), também abordaram a complexidade da memória e sua influência na construção da identidade e da narrativa pessoal. Nesse contexto, a imagem do fruto e a experiência de saboreá-lo tornam-se metáforas da jornada de autoconhecimento e de resgate do passado que Dulce Braga empreende em sua obra, enriquecendo a narrativa com múltiplas camadas de significado e profundidade emocional.

Assim, *Sabor de Maboque* ultrapassa a condição de testemunho individual e inscreve-se em uma tradição literária mais ampla, em que a memória não é apenas registro, mas espaço de reconstrução identitária, resistência ao apagamento e afirmação de pertencimento. Nesse sentido, os signos “ver”, “sentir” e “lembrar” constituem mais do que operações sensoriais: eles funcionam como eixos simbólicos que tensionam e reconfiguram os temas do exílio, da resistência e da identidade. “Ver” é a tentativa de recuperar o que o deslocamento tentou ocultar; “sentir” torna-se gesto de enfrentamento diante do trauma e dos resquícios coloniais; e “lembrar” opera como mecanismo de reinscrição do sujeito na História, desafiando o silenciamento imposto pela diáspora. São esses signos que guiarão a análise desenvolvida neste artigo, na tentativa de compreender como a escrita de Dulce Braga articula memória pessoal e memória coletiva, experiência íntima e diáspora, em uma voz feminina que recusa o apagamento e reinscreve o exílio como lugar de resistência e reafirmação identitária.

## 1. VER

A história de Dulce Braga não é uma narrativa frequentemente contada. Poucos são os relatos daqueles que, pertencendo à elite branca de Angola, foram despojados de tudo pela Guerra Civil angolana. Trata-se de memórias de famílias que, embora desfrutassem de privilégios durante a colonização, também conheceram o exílio e a dor do desenraizamento. O trecho de *Sabor de Maboque* revela essa consciência de pertença e perda: “– Que o novo ano nos traga paz, prosperidade, saúde e muita alegria. Com metrópole ou sem ela, Angola seja sempre Angola e nós, sempre angolanos!” (Braga, 2019, p. 62). Esses vestígios de uma vida interrompida podem ser percebidos em registros fotográficos da infância e da formação escolar da autora, que ajudam a visualizar a experiência dessa elite colonial antes da dispersão forçada, conforme imagens a seguir, que compõem o romance:

## Imagen 1



## Caderneta Escolar

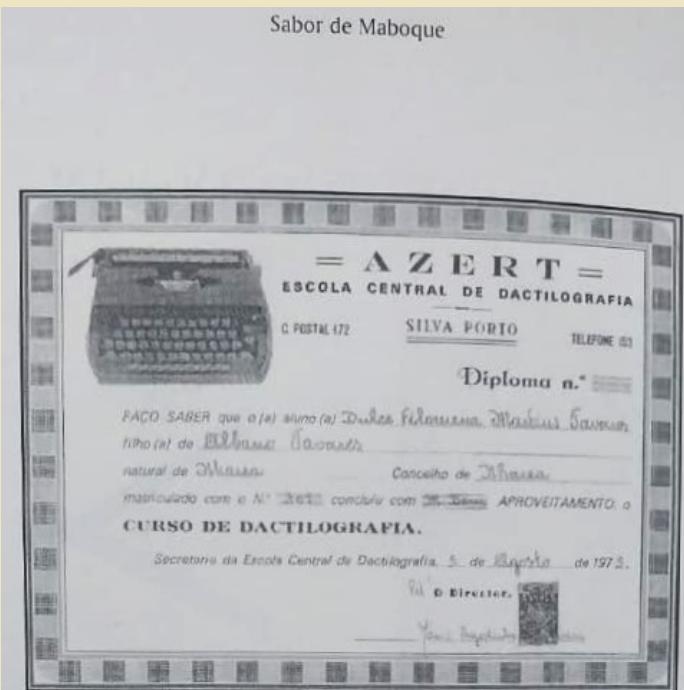


### Carteira de filiação na UNITA

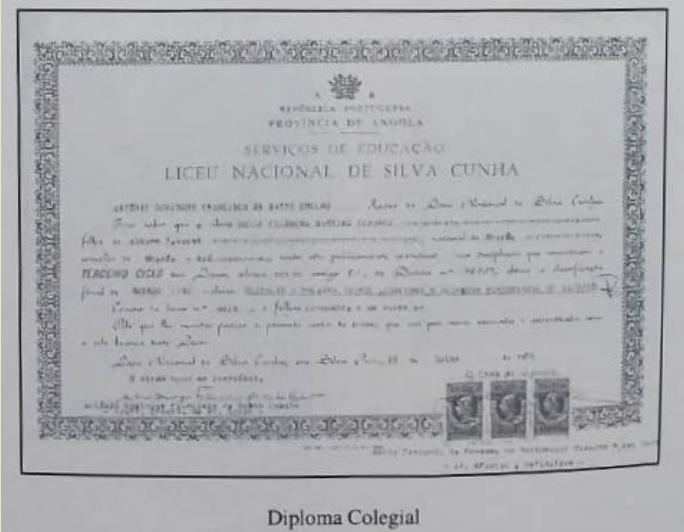
Fonte: (Braga, 2019, p. 250)

## Imagen 2

## Sabor de Maboque



## Diploma de datilografia



## Diploma Colegial

Fonte: (Braga, 2019, p. 240)

Assim como Braga, outras escritoras têm construído narrativas que tensionam lembrança e ruptura. Isabela Figueiredo, em *Caderno de memórias coloniais* (2018), também revive a infância na colônia (no caso, em Moçambique) e o retorno da família para Portugal, assinalando a dor do exílio. Ambas partem de lugares distintos, mas convergem na experiência da perda de um lar que parecia definitivo. Ao narrar essas vivências, as autoras não apenas recuperam fragmentos de uma história individual, mas iluminam a complexidade de uma memória coletiva atravessada pela violência da colonização e da guerra. Nesse sentido, os espaços e elementos religiosos e urbanos de Angola, representados em *Sabor de Maboque*, funcionam como marcadores visuais de pertencimento. Podemos perceber esse aspecto na imagem a seguir, que aparece na obra da autora angolana:

**Imagen 3 - Luanda e passagem da Varig**



Fonte: (Braga, 2019, p. 240)

A chegada ao Brasil impôs a Dulce Braga a necessidade de reconstruir a vida em meio às sombras do passado. Radicada em Campinas, no interior do estado de São Paulo, percebeu que só seria possível projetar um futuro se relegasse ao esquecimento, ainda que temporário, as recordações dolorosas de Angola. Esse esquecimento, no entanto, mostrou-se frágil: bastou o gesto de carinho do filho, ao lhe oferecer um maboque, para que memórias há muito adormecidas retornassem com força. Nesse instante, ver o fruto – sua cor, sua forma – foi suficiente para abrir um portal sensorial:

Sentei-me na cama com um maboque em cada mão, admirando e evocando o cheiro de infância, de Angola, dos piqueniques na beira do rio Kuanza, das caçadas, da adolescência no clube de Nharéa, da fazenda da Calucinga, das cachoeiras, do olor da umidade do musgo no caminho da horta, da igreja, da mata, do colégio, do Liceu, das boates no Cubo, da Pastelaria Primor, do primeiro beijo. (Braga, 2019, p. 12).

O signo do ver atua, nesse contexto, como gatilho de rememoração. O maboque transforma-se em elo entre presente e passado, tal como as madeleines descritas por Marcel Proust em *Em busca do tempo perdido* (2006). Para o escritor francês, não era a visão do biscoito que evocava a lembrança, mas o instante em que o sabor se misturava ao chá, abrindo espaço para o retorno involuntário de sua infância em Combray:

E de súbito a lembrança me apareceu. Aquele gosto era o do pedacinho de madeleine que minha tia Léonie me dava aos domingos pela manhã em Combray [...] A vista do pequeno biscoito não me recordara coisa alguma antes que o tivesse provado; talvez porque, tendo-o visto desde então, sem comer, nas prateleiras das confeitorias, sua imagem havia deixado aqueles dias de Combray para se ligar a outros mais recentes. (Proust, 2006, p. 71-72).

Proust foi um dos autores que mais profundamente exploraram a memória involuntária e sua ligação íntima com os sentidos. Assim como ele, Braga transforma a visão do fruto típico da sua terra natal em chave para acessar lembranças que permaneciam soterradas. O maboque, em sua materialidade física e simbólica, desencadeia um processo de rememoração que ultrapassa o presente e mergulha nas camadas profundas da memória.

Esse diálogo literário evidencia que a memória não se reduz a um simples arquivo mental, mas se constrói na relação entre percepção e afeto. Gabriel García Márquez, em *Cem anos de solidão* (1967/2009), também apresenta personagens que lutam contra a erosão da memória, transformando o esquecimento em tema central da identidade. Virginia Woolf, por sua vez, em *Mrs. Dalloway* (2013), faz da fragmentação temporal e da evocação de lembranças um recurso narrativo que revela a multiplicidade da experiência subjetiva.

Dessa forma, ao articular o signo do ver ao maboque, Dulce Braga aproxima-se dessa tradição literária, em que os sentidos são portais para mundos perdidos, onde a memória se mostra elusiva e, ao mesmo tempo, poderosa. A visão do fruto não é apenas o reencontro com um objeto do passado, mas metáfora da travessia entre identidade e exílio, perda e resistência, esquecimento e permanência.

## 2. SENTIR

Se o ver inaugura o processo de rememoração, é pelo sentir que Dulce Braga mergulha mais fundo nas camadas da memória. O fruto do maboque não se limita à imagem: é o saboragridoce que lhe devolve a infância, despertando lembranças que brotam com intensidade, mas também com desordem. A experiência sensorial de saborear o maboque assume, para a autora, uma potência memorial tão significativa que se converte em imagem. Ao eternizar esse gesto em fotografia e inseri-la ao final do livro, Braga transforma o fruto em relicário de lembrança, convocando o leitor não apenas a contemplar, mas a compartilhar simbolicamente essa vivência. A imagem torna-se, assim, um prolongamento da memória e um convite a que o leitor também atravesse a mesma experiência sensorial que funda a narrativa, conforme imagens a seguir:

#### Imagen 4 - O maboque



Fonte: (Braga, 2019, p. 250)

#### Imagen 5 - O maboqueiro



Fonte: (Braga, 2019, p. 251)

A experiência gustativa escapa ao controle da autora, revelando-se como um fluxo abrupto de recordações que irrompem sem pedir licença. Como observa Virginia Woolf, “recordação é uma costureira, uma costureira pouco caprichosa. Guia sua agulha para dentro e para fora, para cima e para baixo, aqui e acolá. Nunca podemos saber o que vem a seguir e o que mais depois disso” (Woolf *apud* Assmann, 2011, p. 173).

Essa imagem da costureira imperfeita se adequa ao processo narrado por Braga, em que as lembranças se enredam em um tecido irregular de memórias doces e dolorosas. Ao sentir o gosto do fruto, o passado retorna fragmentado, como no relato em que a autora revive as histórias de violência ouvidas na infância:

Recordo-me de que, em 1964, já ouvia os adultos falarem do terrorismo. Meus seis anos de idade não me permitiam entender o significado político dos atos comentados. Nem me permitia imaginar que anos mais tarde, o terrorismo interferiria tão drasticamente em minha vida. Contudo as histórias horríveis que se espalhavam à boca pequena motivavam alguns pesadelos em minhas noites infantis. Relatavam casos de sequestros de crianças que desapareciam em definitivo. (Braga, 2019, p. 69).

O sentir, portanto, ativa não apenas a doçura da memória, mas também seu lado sombrio: medos infantis, imagens de violência e a consciência precoce de viver em um país atravessado pela guerra. O sabor, tal como em Proust, é um portal que abre não apenas para lembranças ordenadas, mas para um emaranhado de sensações e emoções que exigem posterior elaboração.

É nesse ponto que a escrita surge como mediadora, conferindo forma à torrente de lembranças que o sentir desperta. O gesto de escrever organiza o caos da memória, transformando-o em narrativa. Aleida Assmann, ao refletir sobre os mecanismos da recordação, afirma que “um estímulo gustativo simples, desencadeado por uma colher de chá e um pedaço de torta amolecida, pode produzir de repente o contato com camadas escondidas da recordação” (Assmann, 2011, p. 176). Assim, o maboque, para Dulce Braga, cumpre a mesma função da torta descrita por Assmann ou da madeleine proustiana: é um vestígio sensorial capaz de resgatar camadas profundas e involuntárias da memória.

A escrita, nesse sentido, não é apenas registro, mas escavação. Assmann (2011) a compara ao trabalho do arqueólogo, que, ao remover camadas de terra, faz emergir fragmentos do passado. Da mesma forma, Braga, ao escrever, retira da obscuridade lembranças que emergiram de forma caótica ao sentir o fruto. Como afirma Guillaume Musso, “a escrita estrutura a vida e as ideias, ela organiza o caos da existência” (Musso, 2020, p. 129).

Essa dimensão organizadora da escrita encontra ressonância em diferentes tradições literárias e filosóficas. George Eliot concebia o cérebro como um “estômago mental”, responsável por digerir as experiências passadas para que elas se tornassem parte constitutiva do eu. Tal metáfora sugere que a memória não é simples depósito, mas um processo ativo

de assimilação – o que se vê refletido no modo como Braga transforma sensações dispersas em narrativa coesa.

O sentir, portanto, ultrapassa o campo fisiológico do gosto e se converte em experiência existencial. Ele une corpo e memória, emoção e narrativa, passado e presente. Ao explorar esse processo, Dulce Braga insere-se em uma tradição literária que reconhece a força dos sentidos como mediadores da identidade. Proust, Woolf, Assmann e tantos outros mostram que lembrar não é apenas reviver, mas reorganizar, atribuir sentido e construir uma ponte entre o que fomos e o que continuamos a ser.

Assim, o sabor agriadoce do maboque não é apenas metáfora da vida interrompida pela guerra, é também expressão da complexidade da memória humana – simultaneamente involuntária e estruturada, íntima e coletiva. A experiência do sentir revela que, em *Sabor de Maboque*, a memória não se organiza de modo linear ou cronológico, mas aproxima-se da lógica do “rizoma” formulada por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Para os autores, o rizoma constitui um modo de organização múltiplo, não hierárquico e expansivo, capaz de conectar tempos e espaços distintos por meio de percursos imprevisíveis (Deleuze; Guattari, 1996). Assim, as lembranças de Dulce Braga emergem como retornos, fissuras e desvios que se entrelaçam, evidenciando uma memória que se reinventa a cada evocação e que revela, na fragmentação, a força de uma subjetividade marcada pela perda e pelo exílio.

### 3. LEMBRAR

A fotografia, concebida simultaneamente como signo do ver e do lembrar, ultrapassa a função de mera representação visual para tornar-se vestígio sensível do real e operador de memória. Sua inserção neste ponto da análise não ocorre de forma aleatória: é precisamente após a evocação sensorial provocada pelo maboque que a sua imagem surge como extensão natural do gesto narrativo. Se o fruto desencadeia o retorno involuntário das lembranças, a fotografia aparece como sua materialização simbólica, estabilizando aquilo que a memória tende a tornar fluido.

Conforme assinala Susan Sontag, citada por Assmann (2011), a fotografia não se reduz a uma interpretação do mundo, como acontece

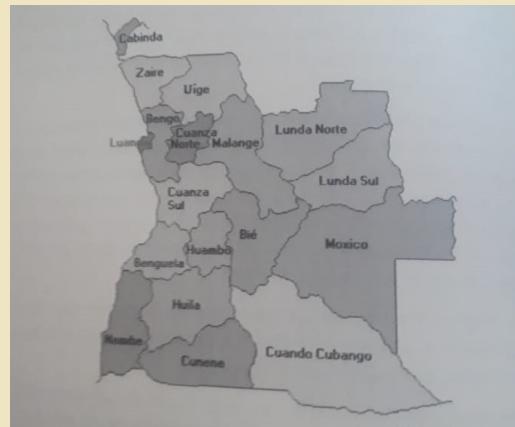
com a pintura; ela constitui também um traço direto do real, um vestígio semelhante à pegada ou à máscara mortuária. Assim, a imagem fotográfica funciona como ponte entre experiência e memória, entre o que foi vivido e o que pode ser novamente invocado. Reafirmando sua pertinência neste momento do texto: ela prolonga o impacto sensorial do ver e transforma o lembrar em presença, preservando, de maneira quase táctil, a passagem entre passado e presente.

No contexto da obra de Dulce Braga, o álbum que a autora elabora articula uma complexa sinergia de signos: imagens, textos e lembranças se entrelaçam para formar uma narrativa que é, ao mesmo tempo, íntima e universal. Para Assmann (2011), a escrita reflete a transparência do espírito, ao passo que a imagem se aproxima da manifestação do inconsciente. Assim, a fotografia se revela como instrumento privilegiado de recordação, capaz de capturar o que o tempo levou, mas não apagou. Diferente do texto, que organiza e interpreta, a imagem cria uma dinâmica de transmissão própria, acessando camadas do inconsciente de maneira singular: “Imagens e textos adaptam-se de modos diferentes à paisagem do inconsciente” (Assmann, 2011, p. 245).

Braga organiza suas memórias com a precisão e a intimidade de um diário, onde cada fotografia desempenha papel estrutural. No entanto, suas imagens não se limitam ao registro fotográfico; elas se manifestam também por mapas e outros signos visuais, revelando a geografia afetiva e simbólica de suas lembranças. O seguinte trecho ilustra essa abordagem:

Foi gratificante chegar ao nosso destino. As ruas alcatroadas, ladeadas de árvores pintadas de branco até a metade do tronco, sempre impressionavam pela largura. Dizia-se que essa característica era uma imposição do progresso em um futuro próximo. As ruas, que evocavam as artérias da capital da província do Bié, harmonizavam-se com o formato geográfico de um coração. (Braga, 2019, p. 36).

**Mapa 1 - Angola com o Bié no formato de coração**



Fonte: (Braga, 2019, p. 190)

Nesse contexto, o mapa de Angola, com o Bié em forma de coração, não é apenas uma representação cartográfica, mas também um gesto poético que traduz afetos, memórias e pertenças culturais. A fotografia, assim, adquire um duplo valor: tangível, enquanto registro do real; e simbólico, como catalisadora de emoções e associações que ultrapassam o momento retratado (Assmann, 2011).

É nesse horizonte interpretativo que as imagens presentes na obra de Dulce Braga – registros da vida em Angola, paisagens da infância e fragmentos de um cotidiano interrompido pela guerra – encontram sua função literária: prolongam os gestos de ver e de sentir, convertendo a memória do exílio em presença concreta, partilhável e visual. São imagens diversas, desde objetos pessoais e fotografias familiares até paisagens angolanas, como podemos perceber nas imagens que se seguem:

## Imagen 6



Vista aérea de parte da cidade

1- Mata dos Maristas, 2- Mata das Madres, 3- Prédios do Governo,  
4- Catedral, 5- Colégio das Madres, 6- Colégio dos Maristas, 7- Cinema

Fonte: (Braga, 2019, p. 185)

## Imagen 7 - Alguns objetos da bagagem



Urso de Pelúcia

Chave da Mala de Cânfora

Anel das Sete Escravas

Fonte: (Braga, 2019, p. 251)

O álbum construído por Braga não é apenas um conjunto aleatório de registros visuais; ele é composto por imagens marcadas por uma história particular e, por isso, carrega traços de um sujeito, de uma família e até de um território. São fotografias que exibem objetos pessoais, cenas cotidianas, paisagens de Angola e lembranças familiares. Nesse sentido, o álbum deixa de ser um repositório de fotos e passa a atuar como um artefato narrativo que reorganiza experiências e memórias. As ruas arborizadas registradas não descrevem somente um espaço físico: elas acionam afetos e lembranças, evocam pertencimento e nostalgia, e revelam a proximidade entre memória, geografia e história vivida. A imagem torna-se, assim, um fragmento de subjetividade que testemunha o modo como uma pessoa, uma família e uma comunidade significam seu mundo.

A interação entre imagem e texto evidencia ainda mais a natureza multifacetada da memória. Como observa Assmann (2011), textos e imagens funcionam de modo complementar, codificando e evocando lembranças de maneiras distintas. No álbum de Braga, as narrativas visuais atuam como âncoras sensoriais, enquanto os textos oferecem reflexão, contexto e interpretação, ampliando o sentido do vivido. Essa relação dialógica entre o visual e o escrito não apenas enriquece a narrativa autobiográfica, mas também evidencia a interdependência de diferentes linguagens na construção da memória individual e coletiva.

Em síntese, a obra *Sabor de Maboque* se apresenta como uma jornada emotiva pela interseção entre ver, sentir e lembrar. O fruto de maboque, ao desencadear recordações da infância e juventude de Braga em Angola, torna-se um gatilho proustiano que revela não apenas momentos doces, mas também lembranças amargas, permeadas pelos conflitos e pela partida abrupta de seu país de origem. A autora utiliza a percepção sensorial e afetiva para acessar camadas profundas de sua história, evidenciando a complexidade da experiência humana diante da perda, da separação e da esperança.

Por meio da cuidadosa organização de suas recordações, Braga não apenas resgata o passado, mas o reinterpreta, reconstruindo-o para oferecer aos leitores uma experiência rica e comovente de sua trajetória. Ao entrelaçar imagens e textos, o álbum convida à reflexão sobre a memória, a identidade e a formação de vínculos afetivos, demonstrando que recordar é, simultaneamente, reconstruir, sentir e conectar-se com raízes que o tempo

e a distância não apagam. Assim, *Sabor de Maboque* transcende o relato autobiográfico para se tornar uma meditação poética sobre o tempo, a perda, a resiliência e a permanência do humano através de seus vestígios afetivos e culturais.

## Conclusão

A obra *Sabor de Maboque*, de Dulce Braga, configura-se como uma exploração profunda da memória enquanto espaço de experiência, emoção e reconstrução narrativa. Ao entrelaçar imagens, textos e lembranças, Braga revela a memória não apenas como registro do passado, mas como processo ativo de reorganização do vivido, conferindo sentido às experiências e ressignificando a própria identidade. A imagem do fruto de maboque torna-se, nesse contexto, um gatilho sensorial e emocional capaz de evocar lembranças da infância e juventude da autora em Angola, simultaneamente doces e amargas, marcadas pelo prazer do vivido e pela dor da partida abrupta e dos conflitos experienciados.

Inspirada pela abordagem proustiana da memória involuntária, Braga demonstra que a percepção sensorial – o sabor, o aroma, a visão ou o toque de um objeto – atua como catalisador de camadas profundas de lembrança, permitindo acesso a experiências que não seriam recuperáveis por processos conscientes ou deliberados. Nesse sentido, a memória não é linear, nem apenas cognitiva; ela é também afetiva, corporal e narrativa, funcionando como ponte entre o passado, o presente e o futuro da experiência humana. A obra evidencia que o ato de lembrar implica simultaneamente reviver, reinterpretar e reconstruir, transformando fragmentos do vivido em uma narrativa coesa e significativa.

A fotografia, em *Sabor de Maboque*, cumpre um papel central nesse processo. Como enfatiza Assmann (2011), imagens e textos se relacionam de formas distintas com o inconsciente, e cada uma dessas linguagens oferece caminhos únicos para a evocação da memória. As imagens, que funcionam como vestígios tangíveis do real, não apenas documentam momentos específicos, mas evocam camadas simbólicas, afetivas e culturais que ultrapassam o instante capturado. Já o texto atua como espaço de interpretação, reflexão e contextualização, permitindo que o leitor

compreenda e se conecte com os significados subjacentes às imagens. A combinação de fotografia e escrita, portanto, não é apenas estética, mas epistemológica, oferecendo uma metodologia própria para investigar, organizar e apresentar a memória pessoal e coletiva.

Além da dimensão individual, a obra evidencia a relevância da memória na constituição da identidade cultural e coletiva. Ao registrar suas experiências em Angola, Braga não apenas narra sua história pessoal, mas também preserva aspectos históricos, geográficos e afetivos de um território e de uma comunidade muitas vezes invisibilizada pelo tempo e pelas rupturas sociopolíticas. Nesse contexto, a memória atua como instrumento de resistência cultural, permitindo que experiências ameaçadas pelo esquecimento ou pela diáspora sejam reconstruídas e transmitidas. A obra demonstra, assim, que lembrar é também um ato ético e político, uma forma de afirmar a presença de identidades e histórias muitas vezes silenciadas.

A interação entre as imagens fotográficas, o mapa e os fragmentos de texto tornam ainda mais evidente a complexidade do fenômeno da memória na obra. Não se trata apenas de um recurso cartográfico: as fotografias aparecem no livro como elementos que convocam lembranças e afetos de forma direta, apresentando cenas, objetos e pessoas que fazem parte desse passado reconstruído. Cada fotografia, assim como o mapa e os trechos escritos, funciona como uma âncora sensorial e simbólica capaz de mobilizar emoções, evocar experiências e ativar processos narrativos. Essa articulação mostra que a memória é múltipla: envolve percepção sensível, dimensão afetiva, cognição e narrativa simultaneamente. Ao inserir essas imagens, Braga evidencia que o passado não é algo fixo, mas um território em constante reinvenção. Lembrar torna-se, portanto, um gesto de criação, interpretação e afeto, instaurando um diálogo contínuo entre o que foi vivido e o que se busca compreender ou transmitir.

Em um plano mais amplo, *Sabor de Maboque* propõe uma reflexão sobre a relação entre memória, tempo e resiliência humana. A obra demonstra que recordar não é apenas reviver, mas reconstruir, reinventar e reconectar-se com as próprias raízes. A memória torna-se instrumento de resiliência, capaz de preservar a história pessoal e coletiva diante de rupturas, deslocamentos e perdas. Cada gesto de lembrança, cada olhar atento sobre uma fotografia exposta pela autora ou um objeto carregado de

significado, constitui um ato de resistência ao esquecimento e de afirmação do sentido da vida.

Ao explorar essas dimensões, Braga transforma seu álbum de memórias em um espaço poético e reflexivo, convidando o leitor a participar de uma experiência sensível que atravessa tempos, espaços e afetos. A obra nos recorda que a memória não é apenas privada, mas também social, cultural e histórica, funcionando como elo entre indivíduos, comunidades e gerações. *Sabor de Maboque*, portanto, transcende o relato autobiográfico para se tornar uma meditação poética, filosófica e científica sobre a memória, a identidade, a passagem do tempo, a perda, a esperança e a capacidade humana de reconstruir sentido diante da adversidade.

Em última análise, a experiência proporcionada por Braga nos lembra da centralidade da memória para a formação da identidade, para a preservação da história cultural e para a compreensão da complexidade do ser humano. Ao convidar o leitor a ver pela descrição, a sentir pelas imagens e a recordar pela narrativa que articula memória e afetos, a autora evidencia que a memória é um território vivo, acionado não apenas pelo olhar, mas pelo gesto de interpretar e reconstruir sentidos. Trata-se de uma visualidade mediada pela linguagem e pela fotografia, que permite ao leitor acessar o passado não como mera contemplação, mas como experiência sensível compartilhada. Dessa forma, *Sabor de Maboque* se afirma como uma obra que celebra o poder da lembrança e da reinscrição do vivido, convertendo experiências individuais em narrativas de pertencimento, resiliência e sentido. Recordar, aqui, torna-se um gesto que atravessa tempos e sujeitos, afirmando-se como forma de resistência afetiva diante da passagem inexorável do tempo.

## Referências

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BRAGA, Dulce. *Sabor de Maboque*. São Paulo: Editora Pontes, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. (Coleção Trans).

FIGUEIREDO, Isabela. *Caderno de memórias coloniais*. São Paulo: Todavia, 2018.

MÁRQUEZ, Gabriel García. (1967) *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MUSSO, Guillaume. *A vida secreta dos escritores*. São Paulo: L&PM Editora, 2020.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido: no caminho de Swann*. São Paulo: Globo, 2006.

WOOLF, Virginia. *Mrs. Dalloway*. Tradução de Denise Bottman. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.